

O PREPARO DE EDIÇÕES CRÍTICAS E A PRESENÇA DESAFIADORA DAS NOVAS TECNOLOGIAS: A ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA EM FORMATO DIGITAL E ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA A PESQUISA E O ENSINO NO BRASIL DE HOJE

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i42p367-395>

Silvana Moreli Vicente Dias¹

RESUMO

Pretende-se refletir, neste artigo, sobre especificidades relacionadas ao preparo de edições críticas modernas em uma época de acelerado avanço tecnológico. Mais especificamente, objetiva-se tratar de problemas relacionados ao preparo de edições críticas digitais a partir de documentos de acervo de escritores, em especial a epistolografia, relacionando como a confluência dos estudos filológicos e outras disciplinas específicas, que consideram o estatuto múltiplo do texto em arquivos, pode contribuir para o alcance de resultados editoriais frutíferos. Alguns dos pontos fundamentais tocarão em recursos abertos pela crescente informatização e pelas demandas contemporâneas do ensino e da pesquisa no Brasil. O artigo discutirá possibilidades levantadas a partir do trabalho de organização da correspondência de Gilberto Freyre (1900-1987), um dos ensaístas brasileiros mais editados no país e no exterior, e de José Lins do Rego (1901-1957), um dos principais nomes do romance brasileiro do século XX. Tentará observar, por fim, em que medida as edições digitais de textos epistolares, com rigor filológico e amplo aparato crítico, são não só viáveis do ponto de vista acadêmico e pedagógico, mas também culturalmente relevantes. Inclusive, defende-se que elas podem trazer, inclusive, uma leitura mais complexa do Modernismo e das relações entre literatura e cultura no

PALAVRAS-CHAVE: Preparo de edições críticas digitais; Reflexões sobre especificidades editoriais diante do avanço tecnológico; A organização de correspondência de escritores modernos e seus desafios; A epistolografia de Gilberto Freyre (1900-1987); A epistolografia de José Lins do Rego (1901-1957).

¹ Silvana Moreli Vicente Dias, graduada em Letras (UNESP), com doutorado em Teoria Literária (USP, Prêmio Capes de Teses) e pós-doutorado pelo IEB-USP e pela Université Sorbonne Nouvelle/Paris 3, é professora universitária na UVA-RJ e autora de livros como *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* (edição de cartas e estudo crítico, pela Ed. Global) e *Leitura e produção acadêmica* (Freitas Bastos, em parceria com Anne C. M. Santos).

Brasil do século XX.

ABSTRACT

This article aims to reflect on specific aspects related to the preparation of modern critical editions in an era of accelerated technological advancement. More specifically, it seeks to address issues concerning the preparation of digital critical editions based on archival documents from writers, particularly epistolography, by exploring how the confluence of philological studies and other specific disciplines (which consider the multiple status of texts in archives) can contribute to achieving fruitful editorial results. Some key points will touch upon the opportunities opened by increasing computerization and contemporary demands in education and research in Brazil. The article will discuss possibilities arising from the work of organizing the correspondence of Gilberto Freyre (1900-1987), one of the most widely published Brazilian essayists in Brazil and abroad, and José Lins do Rego (1901-1957), a prominent figure in 20th-century Brazilian novel writing. Finally, it will attempt to observe to what extent digital editions of epistolary texts, with philological rigor and extensive critical apparatus, are not only viable from an academic and pedagogical standpoint but also culturally relevant. Indeed, it is argued that they can, furthermore, offer a more complex reading of Modernism and the relationships between literature and culture in 20th-century Brazil.

KEYWORDS: Digital critical editions. Reflections on editorial specificities in the face of technological advancement; The organization of modern writers' correspondence and its challenges; The epistolography of Gilberto Freyre (1900-1987); The epistolography of José Lins do Rego (1901-1957).

Introdução: o preparo de edições críticas digitais como horizonte que se impõe.

Recentemente o Brasil tem sido cenário privilegiado do avanço tecnológico mundial, e muitos têm sido os debates sobre a necessidade de o processo educacional acompanhar essa transformação². Setores diversos são sensíveis a mudanças que ocorrem em escala global, e investimentos governamentais notáveis têm sido feitos para que sobretudo as áreas de Ciência e Tecnologia acompanhem, fomentem transformações no país. No âmbito dessas discussões, porém, a área de Humanidades ainda tateia modos de se inserir no debate. Este trabalho procura dar formato a algumas questões nascidas no bojo de minha atividade como pesquisadora de pós-doutorado e licenciada da área de Letras³, mas também, como pano de fundo, procura dar expressão a um desconforto

² O texto aqui apresentado foi escrito em 2013, no âmbito de pesquisas de pós-doutorado então em curso, e continuou inédito do ponto de vista editorial. Foi um dos trabalhos finalistas de um concurso promovido durante o IV Congresso Internacional CBL do Livro Digital — *O livro além do livro*, Câmara Brasileira do Livro, em 2013. Inclusive, as reflexões relativas à situação socioeconômica do país consideravam o contexto brasileiro da época. A tese de doutorado mencionada ao longo do texto foi publicada em 2017. Cf: DIAS, S. M. V. *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 2017. [Nota de 2025].

³ Importa também esclarecer que essas reflexões nasceram a partir de leituras desenvolvidas sobre metodologia de edições críticas, em geral, e edições de correspondência, em particular. No início de 2013, no âmbito do convênio USP-COFECUB (Comité Français d'Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil), foi aprovado o projeto *Artífices da correspondência: procedimentos teóricos, metodológicos e críticos de edição de cartas*, sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes (do IEB/USP) e da Profa. Dra. Claudia Poncioni (do Centre de Recherches sur les Pays Lusophones, Sorbonne Nouvelle – Paris 3), em que eu figurava como pós-doutora. Meu projeto inserido no âmbito do convênio foi intitulado *Edição de cartas e novas tecnologias*.

acerca da inserção periférica e da capacitação problemática que o profissional de educação e áreas afins infelizmente sofre⁴.

Se, por um lado, é um fato que a formação de professores e pesquisadores em áreas estreitamente relacionadas ao ensino não vem contemplando adequadamente o conceito de conhecimento e cultura digital, por outro, têm sido notáveis várias iniciativas no sentido de estimular uma produção mais atualizada, conectada com as inquietações de hoje, mais comprometida com uma transformação complexa, mais profunda (e não apenas de aparência) e duradoura do cenário educacional brasileiro⁵. Espera-se que enxergar possibilidades de replicar mínimas transformações, a partir de situações específicas tais como a discutida neste artigo, possa contribuir, de algum modo, para uma maturação dos debates nacionais acerca das desejadas conexões entre educação, pesquisa e tecnologia⁶.

Particularmente no campo das Humanidades, inúmeras têm sido as postulações em prol da construção de ambientes colaborativos e não hierarquizantes. A transformação do analógico para o digital demanda um conhecimento específico sobre como lidar com novas conexões espaço-temporais em rede. Dialogar com o ânimo de uma geração cujo nascimento e formação se deram no “breve século XX” — citando famosa expressão de Eric Hobsbawm em *Era dos extremos* (1995) — pode ser uma porta de entrada válida para se compreenderem as bases sobre as quais se assenta o Brasil do século XXI.

No cenário nacional, pensadores constataram, ao longo de nossa história, inúmeros paradoxos de uma realidade que concatenava, illogicamente, urbanização progressiva, avanço tecnológico sem precedentes, melhoras nos serviços públicos, na rede de transportes, mas também uma concentração de renda excessiva e golpes sucessivos no sonho de se construir novos espaços mais integrativos de

⁴ No dia 8 de abril, o *Estadão* noticia que “Licenciatura pode ter nota mínima no Enem”. A medida tinha sido sancionada por Dilma Rousseff. Afirmo a matéria: “Por conta dos baixos salários e condições precárias de trabalho, historicamente os alunos mais brilhantes não escolhem a carreira. Até em instituições concorridas, como as públicas, licenciaturas e Pedagogia têm as menores notas de corte.” (MOURA; SALDAÑA, 2013).

⁵ Tive contato com discussões especializadas sobretudo na qualidade de membro do Comitê de Programa do I e do II ENINED (Encontro Nacional de Informática e Educação), primeira edição em 2009 e segunda, em 2011.

⁶ Pode-se dizer que são consensuais, hoje, pressupostos tais como: “A ideia de ‘professores analógicos’ em escolas com ‘alunos digitais’ sempre volta à tona quando o debate é a chegada da tecnologia na sala de aula. A diferença de gerações é essencial nessa relação, mas há uma crise que cabe principalmente ao poder público resolver: a formação dos docentes ainda não contempla essa nova realidade e desafios.” (ESCOLA digital desafia ‘professor analógico’, 2013).

cidadania (Cf. CARVALHO, 2012). E, ainda, à verificação de que “copiamos quase tudo” ao longo do período entre 1930 e 1980, conclui-se: “Copiamos tudo menos o que é essencial: formas de organização capitalista capazes de assegurar um mínimo de capacidade autônoma de financiamento e inovação.” (MELLO; NOVAIS, 2009, p. 94)⁷. O conceito de um desenvolvimento não autônomo esteve presente em muitas reflexões que destacavam a falta de originalidade ou de enraizamento do nosso processo modernizador, espectro que já rondava, nas primeiras décadas do século XX, o nosso pensamento social.

Nesse ponto, vale dizer que o sociólogo, antropólogo, historiador social e ensaísta pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) figura como um dos estudados escritores brasileiros do século XX. Polêmico, consolidou sua imagem pública na década de 1930, quando lançou as obras paradigmáticas para se compreender a formação da sociedade brasileira *Casa-grande & senzala*, em 1933, e *Sobrados e mucambos*, em 1936. Foi uma voz atuante para o desmantelamento do Estado Novo sob a liderança de Getúlio Vargas, o que reforçou uma imagem ligada à esquerda brasileira. Em 1945, foi eleito deputado federal pela UDN — União Democrática Nacional —, tendo atuado na elaboração da Constituição de 1946, que marcou o retorno à democracia. A essa altura considerado um dos nossos principais ensaístas, a partir desse período, sua atuação política se intensifica. Inúmeros são os correspondentes brasileiros e estrangeiros de Freyre, entre escritores, artistas, intelectuais, políticos etc. Ler essa correspondência é uma porta de entrada para se compreenderem não só os bastidores de sua atividade literária e ensaística, mas também para entrar em contato com um dos períodos do país mais ricos em transformações econômicas, sociais e culturais. Portanto, editar essa documentação é crucial para fomentar debates mais complexos sobre o período, além de contribuir para avanços acadêmicos em áreas tais como Literatura e Cultura Brasileira, Filologia e Crítica Textual, Formação de Professores e Editoração, dentre outras.

Trabalhar com um objeto multifacetado como o texto epistolar necessariamente pede uma formação ao mesmo tempo específica e abrangente do pesquisador. As atividades relacionadas à edição — selecionar peças do arquivo, intercalá-las em ordem cronológica, fixar o texto, preparar a anotação filológica e

⁷ Os autores João M. C. de Mello e F. Novais citam, neste preciso momento, texto seminal de Maria da Conceição Tavares, “Natureza e contradições do desenvolvimento financeiro recente”, de 1972.

exegética, dentre outras — demandam do editor ou organizador uma visão complexa do todo, aberto ao ambiente colaborativo que normalmente caracteriza o trabalho com o material híbrido de arquivo, sobretudo nestes tempos de avanços tecnológicos. Assim, como se trata de atividades transcorridas mormente no âmbito universitário, estas reflexões pretendem, de algum modo, tocar as áreas de ensino e pesquisa universitárias. Mas esperam ir mais à frente, partindo do princípio de que lidar com o universo digital pode facilitar a divulgação de dados de pesquisa para um público amplo⁸.

Finalizando estas linhas iniciais, além de expor particularidades conexas ao papel do editor crítico, pretende-se relacionar a nova realidade da edição crítica ao mundo digital que o insere, ao mesmo tempo em que defende que uma edição de cartas pode se beneficiar dos recursos oferecidos pelas novas tecnologias. É fato que o mercado tem valorizado esse tipo de produto, nascido da pesquisa acadêmica; mas também as edições críticas podem aprender com as discussões sobre a presença da tecnologia no mercado editorial. Mais do que isso, o benefício pode ser mútuo, pois o editor crítico — muitas vezes um acadêmico, que atua na universidade, em grupos de pesquisa e com orientações de graduação e pós-graduação — pode aprender a dar uma forma orgânica e acessível ao produto e, simultaneamente, oferecer um livro correto tecnicamente e com referências literárias e culturais relevantes.

Ao fim e ao cabo, voltando à premissa da carência de autonomia e inovação tecnológica no país, este pode ser um exemplo de como projetos com alguma originalidade podem nascer a partir de nossas contradições, reflexões e necessidades. E quem sabe este projeto não poderia reverberar, de algum modo, a utopia de humanização de Milton Santos:

“A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas de informação, as quais – ao contrário das técnicas das máquinas – são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão a serviço do

⁸ Veja que esta proposta procura avançar alguns problemas já apontados por Cambraia (2007) acerca de negligências de edições digitais que não explicitam, por exemplo, normas de edição e origem dos textos.

homem.” (SANTOS, 2010, p. 174)⁹.

Cartas à margem: espectros documentais

Nos últimos anos, tem havido no país um impulso considerável aos estudos sobre documentos de acervos históricos e literários¹⁰. Nas mãos do poder público ou sob a guarda de particulares, como herdeiros, esse tipo de documentação, normalmente nunca preparada para edição durante a vida do autor, requer recursos materiais e humanos especializados para a sua manutenção. Além de ser necessário promover uma guarda física adequada do acervo, tem-se falado muito na necessidade de digitalização de documentos, procedimento este que, inclusive, garante a preservação do seu conteúdo para futuros consulentes e pesquisadores.

A carta ocupa, nos acervos pessoais, um lugar particularmente desafiador. Não é objeto de fácil catalogação, pois aponta para um universo infinito de temas. Também o aspecto multidimensional salta à vista, pois pode: trazer uma hibridação de formas literárias — pode narrar, descrever, poetizar —; reflexões particularmente úteis para se rastrear o desenvolvimento de áreas diversas como a História, a Sociologia, a Psicanálise; aspectos biográficos que contribuem para uma percepção mais apurada do complexo universo da autoria etc. Sua materialidade confirma uma natureza fragmentária que lhe é intrínseca: partes de uma carta podem se perder, peças inteiras podem se extraviar. Ao se recompor um diálogo entre missivistas, intercalando peças, fica claro que uma conversa recriada numa edição depende das circunstâncias que possibilitam reunir os documentos, normalmente anos depois da morte do escritor. Assim, nenhum fechamento editorial é definitivo — cada nova edição pode trazer aspectos desconhecidos, documentos antes considerados perdidos, etc.

⁹ De Milton Santos, também recorde sua reflexão sobre o *meio técnico-científico* atual, em que o espaço é marcado pelo avanço do conteúdo científico, da tecnologia e da informação, tendendo a sobrepor o meio geográfico. (Cf. SANTOS, 1996). Resta indagar sobre modos de se apropriar positivamente do conhecimento gerado por uma nova globalização.

¹⁰ Em reflexão inserida no campo da história da literatura, afirma Maria da Glória Bordini: “A investigação de acervos literários para a produção historiográfica a respeito da literatura brasileira somente a partir dos anos 80 adquire impulso e estatuto científico. [...] A constituição dos acervos literários, assim chamados por resultarem de espólios legados e processos de coleta documental, em que os documentos não se restringem aos selecionados/aceitos pela instituição guardiã, mas comparecem na sua heterogeneidade constitutiva, tem início igualmente nos anos 80.” (BORDINI, s.d.).

Disciplinas voltadas para a edição crítica como a Filologia, a Ecdótica e a Crítica Textual oferecem um instrumental útil e apropriado como orientação para o trabalho de edição de correspondência. Mas há limites, sobretudo quando pensadas no interior de um protocolo rígido e convencional, como o de tendência lachmanniana¹¹. Em primeiro lugar, tais disciplinas desenvolvem, em geral, um trabalho basilar de busca por fixar em definitivo o texto de uma edição orgânica publicada durante a vida do escritor. As edições são ricas em aparato filológico, mas exploram escassamente recursos como cruzamento de informação. Normalmente colocam limites válidos para o excesso de comentários, mas não estimulam a costura de relações intertextuais que intensificariam possibilidades de leitura.

Portanto, os problemas se multiplicam consideravelmente quando se trata de textos nunca preparados para publicação durante a vida do escritor, em que seja impossível dar a conhecer uma vontade autoral explícita e, conseqüentemente, a possibilidade de um fechamento editorial definitivo. Uma rede complexa de remissões intra e intertextuais, explicitadas pelo especialista, pode ser construída procurando tatear o horizonte da produção epistolar, mas a tendência ao acúmulo da anotação exegética é vista com parcimônia. Fica patente, portanto, a necessidade de se explorarem outros caminhos e aprender com a experiência de outros pesquisadores. Afastando-se da objetividade pregada pelos herdeiros de Lachmann, pode-se afirmar que cada edição é um universo único, ao qual o editor, preparado tanto do ponto de vista científico quanto inventivo, deve procurar dar uma configuração inteligível. E ainda seria importante enfatizar que a carta, ao ser editada, estimula a busca por novos caminhos hermenêuticos à margem da tradição de interpretação literária, repondo desafios específicos de áreas em processo de consolidação. Leia-se, por exemplo, citação de Castro Rocha, que situa o ocaso dos estudos em epistolografia, apesar do interesse crescente pela publicação de cartas, verificado sobretudo nas últimas décadas:

¹¹ Referência a Karl Konrad Friedrich Wilhem Lachmann (1793-1851), filólogo e crítico alemão que dá nome a uma corrente filológica comprometida a seguir rigoroso método científico no trato de textos. Alguns dos passos para compor uma edição crítica, segundo essa corrente, implicam buscar uma autoridade do texto reconstruído por meio de procedimentos objetivos, com recensão dos testemunhos e construção de texto composto a partir de testemunhos mais autorizados no estema. Desse modo, seria fundamental cotejar diversas edições com o manuscrito original, de modo a se restabelecer o texto. Cf. também CAMBRAIA, 2005.

“A história literária, comprometida com a afirmação da nacionalidade, e a teoria da literatura, às voltas com a pesquisa da literariedade, não tinham olhos para a epistolografia porque o domínio dos “estudos sobre cartas” não pode senão ser plural e diversificado. Esse é o domínio do contingente, do diverso; enfim, do humano, demasiadamente humano para ser traduzido numa única direção – a gênese da nacionalidade – ou num eterno retorno – a (re)descoberta da literariedade.” (ROCHA, 2008, p. 151).

Sem lugar entre duas propostas excessivamente amplas e, de algum modo, centralizadoras, o objeto “carta” não poderia demandar outro estudo senão aquele que sempre estivesse aberto a se (re)fazer. Para Castro Rocha, seria impossível uma “teoria da carta”; por sua vez, uma “fenomenologia de cartas” destacaria a abertura à análise de cada caso particular, “considerando as circunstâncias de sua produção e recepção”. (ROCHA, 2008, p. 153). Se os interstícios e a multiplicidade do objeto são características às quais não se pode furtar, fica a impressão de que editar e estudar o texto epistolar é um desafio para os cursos de Letras. Portanto, pela sua incontornável contemporaneidade – nem sujeita às grandes utopias, nem aos desígnios dos ideólogos do Estado-nação, nem à ilusória pureza da literariedade no sentido estrito, definida de modo emblemático pelos formalistas russos¹² –, para recuperar a multiplicidade de vozes que circulam em uma carta, seria fundamental – nada acessório, portanto – considerar os instrumentos fornecidos pela *internet* e as possibilidades de exploração do livro digital.

Para finalizar este excursão sobre a contemporaneidade da carta, um aspecto sensível da edição de correspondência parece ser o aparato de anotação exegética. Acrescentando ao fato de que o acesso facilitado à informação, sobretudo por meio da *internet*, poderia promover um avanço ensaístico em entradas antes dominadas pelo ânimo do tratado¹³, pela exposição excessivamente didática, consideramos que

¹² Para a definição da especificidade do “literário”, cf. sobretudo o ensaio “A arte como procedimento”, de Viktor Chklovski. (In: TEORIA da Literatura: os formalistas russos, 1976, p. 39-56).

¹³ Um dos maiores críticos do pensamento iluminista e suas prerrogativas da razão e do progresso, Theodor Adorno definiu do seguinte modo a especificidade do “ensaio”: “O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas [...] não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. [...] revolta-se contra essa antiga injustiça [platônica] contra o transitório [...] recua, assustado, diante da violência do dogma, que atribui dignidade ontológica ao resultado da abstração [...] Pelo contrário, ele se aproxima tanto do *hic et nunc* do objeto, que este é dissociado nos momentos que o fazem vivo, em vez de ser meramente um objeto. [...] pensa em fragmentos, uma

a carta, como objeto multidimensional, demanda por si uma anotação em rede. Assim, o que poderia se caracterizar como pensamento rizomático, para falar com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995)¹⁴, emerge de uma coletânea de cartas quase como que de modo espontâneo, sem uma intenção previamente constatável. Ou seja, elementos como o pensamento em rede, a articulação descentralizada, a abertura, a multiplicidade, a heterogeneidade, as imbricações, a interação e a co-presença — nunca é demais lembrar que uma carta é escrita para um outro, ou seja, há vários elementos que retomam o caráter performativo e pragmático da comunicação em presença — estão de algum modo expressos no objeto “carta”. Explorar os potenciais abertos pelas novas tecnologias da informação, contribuindo para se construir uma interface editorial mais dinâmica, não parece se acrescentar de modo artificial a uma realidade analógica já sedimentada; ao contrário, a partir de uma lacuna constatável na precariedade do texto em traduzir tal dinâmica, a introdução da linguagem digital na edição crítica de textos não canônicos como a correspondência de escritores se mostraria profundamente integrada às demandas já observáveis no próprio interior desse gênero textual.

A anotação especializada, não hierarquizante e agregada ao todo por meio de redes dinâmicas, viria para acrescentar, não para subtrair, no âmbito das possibilidades comunicativas e estéticas¹⁵. Acresce-se a isso o fato de que uma carta pode remeter a outros objetos de arquivo, tais como fotografias, pinturas, poemas, dedicatórias etc. Facilitando-se a disponibilização desses itens em uma edição digital, possibilita-se a criação de um mundo, alimentando-se os potenciais de troca entre indivíduos, na contramão do vazio de experiência eventualmente apontado quando se fala em tecnologia nos tempos de hoje. A tecnologia, portanto, pode estimular, e não tolher, os efeitos de presença da carta, aproximando ainda mais produtores e leitores, os autores e seu público, por meio do livro digital.

vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplinar a realidade fraturada.” (Excertos de ADORNO, 2003, p. 15-45).

¹⁴ Cf. sobretudo como Deleuze e Guattari (1995) definem os princípios do rizoma a partir dos conceitos de “conexão e heterogeneidade”, “multiplicidade” e “ruptura a-significante”, dentre outros.

¹⁵ Com relação ao texto medieval, já apontou Bernard Cerquiglini (2000) a maior adequação dos meios informáticos, com relação à página impressa, para dar conta da variância do texto medieval. Nos manuscritos modernos, semelhante multiplicidade pode ser materializada por meio de edições de correspondência. Por isso também vejo alguma relação com a “poética da anotação” definida por Arellano (ARELLANO, 1991, p. 579).

Gilberto Freyre em correspondência: o escritor multiface em uma sociedade que se moderniza com contradições

Nesta seção do artigo, pretendo discutir algumas questões enfrentadas durante o preparo da edição de dois conjuntos da correspondência de Gilberto Freyre, um trocado com o poeta Manuel Bandeira (1886-1968) e outro, com o romancista José Lins do Rego (1901-1957). A *Correspondência Freyre & Bandeira*, com edição e estudo do conjunto epistolar, foi preparada como tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)¹⁶. Já o projeto que contemplou a edição e o estudo da *Correspondência Freyre & José Lins* foi desenvolvido junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP)¹⁷.

Ambas as edições, da *Correspondência Freyre & Bandeira* e da *Correspondência Freyre & José Lins*, foram preparadas no formato tradicional — embora, vale dizer, tenham sido gerados PDFs com imagens de documentos recolhidos nos acervos dos escritores. Foram elaboradas notas de edição, de cunho filológico-genético (que situam a ocorrência tal qual o manuscrito e mencionam a possível existência de outros testemunhos, bem como correções, rasuras, perfurações prejudicando decifração do documento autógrafo etc.), e notas exegéticas mínimas (com tradução de palavras estrangeiras e remissão a acepções dicionarizadas quando se tratava de alguma palavra considerada não comum, dentre outros objetivos) ao lado de notas exegéticas amplas (contextualizando, para o leitor, por exemplo, aspectos do debate acadêmico ora em curso sobre os autores, sobre aspectos da História Literária, sobre Cultura Brasileira etc.). Um avanço do segundo conjunto com relação ao primeiro diz respeito à formulação de um índice remissivo, com personagens citados na correspondência, títulos de obras e alguns assuntos considerados relevantes para a compreensão do contexto da carta. Uma teia de remissões internas automáticas facilita o aproveitamento de leitura.

¹⁶ Referida tese, orientada pela Profa. Dra. Viviana Bosi, foi defendida em 2008 e recebeu o Prêmio Capes de Tese de 2009 da área de Letras e Linguística. Para este projeto, foram reunidos 65 documentos, além de textos dispersos e imagens. Financiamento do CNPq.

¹⁷ Esse projeto, supervisionado pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, 2010-2012). Para o projeto, foram reunidos 239 documentos, além de textos impressos e imagens.

Mas, apesar de ter-se logrado, em geral, um resultado positivo, alguns limites constatados apontam para a necessidade de se pensar um modelo alternativo de elaboração do livro/edição enquanto produto¹⁸. Em um primeiro momento, vale dizer que, pelo aspecto cumulativo desse tipo de pesquisa, o número de páginas é considerável, o que dificulta, de algum modo, sua impressão, ainda mais quando se trabalha com imagens coloridas¹⁹. Ademais, pelo caráter da anotação integradora –que procura ser exaustiva no caso das notas de edição e amplas no caso das notas exegéticas–, sem prejuízo do rigor em ambos os casos, corre-se o perigo de exceder-se, sobretudo se se considera a margem de uma página tradicional²⁰. Desafio semelhante parece ter sido enfrentado por outros organizadores de correspondência, como se vê pela recente edição das cartas de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda. Seu organizador, Pedro Meira Monteiro, desfia um argumento válido em prol do tamanho do conjunto de notas interpretativas, relativamente extenso, a despeito de ter-se editado um “conjunto epistolar pequeno” (totalizando 31 documentos):

“Por certo, “fazer as cartas falarem” é tarefa arriscada, mas necessária para o preenchimento dos vazios deixados pela letra, sempre tão significativos. No caso da correspondência aqui reunida, é como se o debate intelectual que compõe seu pano de fundo estivesse, de fato, quase todo implícito, e a tarefa do crítico fosse explicitá-lo, puxando os fios de uma grande teia escondida aos olhos do leitor.” (Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, 2012, p. 11)²¹.

¹⁸ De fato, eu gostaria de reforçar a ideia da necessidade de se buscarem novos paradigmas também em edições críticas, aproveitando, de modo criativo, a influência do mundo digital. Não seria uma “tradução literal” do livro impresso para uma representação digital, mas pressupõe, de fato, mergulhar no ambiente e nos discursos das novas tecnologias. Como afirma Clifford Lynch: “*Let us welcome the journey and be open to may destinations; we will find treasures and wonderful surprises along the way*”. (LYNCH, 2001).

¹⁹ O primeiro conjunto, de Gilberto Freyre & Manuel Bandeira, totalizou quase 600 páginas. O segundo, ultrapassou 800 (Emprego de fonte Times New Roman 12, espaço 1,5, para texto; Fonte Arial 9, espaço simples, para notas; e notas de edição são apresentadas entre colchetes).

²⁰ A proposta de anotação integradora foi apontada por BECKER (1983). Para Marcos Antonio de Moraes: “esse tipo de anotação, ‘discurso de acompanhamento’, como se vê, busca recriar, à margem da ordenação cronológica das cartas, um espaço biográfico e histórico-literário. Assim, ao mesmo tempo que referências pontuais ou obscuras (nomes, lugares, menção a publicações de difícil acesso) são elucidadas, o leitor pode perceber a biografia do escritor sendo fragmentariamente construída. [...] O perigo é obscurecer (*écraser*) o texto epistolar com informações e interpretações, deixar-se levar pelas descobertas que resultam de longas horas de pesquisa [e acabar fazendo] uma edição de notas... e não mais de cartas.” (MORAES, 2009, p. 134).

²¹ A despeito da anotação exegética comprometida, nota-se que o organizador opta por não explorar notas de edição em seu aparato crítico.

Na verdade, a argumentação de Pedro Meira Monteiro reforça o sentido da visibilidade do organizador da coletânea como uma espécie de terceira voz, que se acrescenta à do remetente e à do destinatário, tendência relativamente nova em edições com aparato crítico. Seu não obscurecimento — ou, ainda, sua tendência a não seguir a tradição filológica de comentários em voz baixa, quase anônimos — parece seguir uma disposição contemporânea em direção à opulência e à proliferação. Cabe aqui enfatizar: manifestar-se implica dividir a autoria, multiplicar a voz, por isso talvez tenha razão Heloísa Buarque de Hollanda quando aponta, ao discutir a edição de cartas de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade anotada e prefaciada por Silviano Santiago, a brecha “da ambiguidade técnica” desse tipo de coletânea, seu excepcional “entrelugar”:

“[...] Ora as notas informam, ora comentam, ora dialogam, ora falam em solo. Percebe-se ainda um certo abuso na utilização diversificada dos ‘materiais’ dessas notas: citações, poemas, textos não diretamente informativos, secas referências bibliográficas, *hiperlinks* arbitrários. Às vezes Silviano parece um comentarista bem informado, às vezes um *metteur-en-scène*, outras um iluminador teatral. Percebe-se ainda que, aos poucos, o crítico-poeta se estabelece reflexivamente entre as vozes de *Carlos & Mário* e constrói sua própria voz, na brecha da ambiguidade “técnica” [...]” (HOLLANDA, 2003, p. 27).

Certamente essa tendência ao comentário erudito agradaria a Gilberto Freyre, que se autodefinia como anárquico e que tinha uma evidente tendência à opulência reflexiva, às notas amplas de estudo. Recordo a análise de Freyre apontando a modernidade de Walt Whitman, com sua crença na “ilusão democrática”, defensor da expansão norte-americana para o oeste, ao mesmo tempo personalista e fraternal defensor da comunidade universal, à sua disposição inclusiva de “homem-orquestra” (FREYRE, 1948, p. 58). Compor de modo inclusivo — e espera-se que de modo bem articulado — parece estar no cerne da tendência cumulativa desse tipo de anotação. Como um orquestrador, o organizador cita, analisa, ilumina questões nascidas no bojo da carta, coloca-se em uma cena antes sobretudo habitada pelo par remetente-destinatário. Trata-se, pois, de edições, de algum modo, híbridas, compósitas, únicas. Ao final, uma edição nunca é igual à outra. Basta ver, por exemplo, as características particulares de edições tais como

a *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organizada por Marcos Antonio de Moraes (2000), e a *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*, organizada por Aracy Amaral (2001)²².

Apesar das diferenças óbvias entre cada uma das edições citadas, talvez seja o caso de indagar até que ponto traduziriam a tendência à extroversão e ao comentário característica dos tempos de avanço tecnológico. A abertura dos homens à, ou mesmo desejo de, justaposição de discursos, como em parataxe, é contígua à disposição para acumular formas e conhecimentos em formato digital. Nunca a capacidade de estoque de memória foi tão grande. Talvez também por isso estejamos mais propensos a compor, a justapor, a acumular — o que não implica ausência de seleção e organização. Algumas perguntas lançadas por Hans Ulrich Gumbrecht em *The Powers of Philology* me parecem, nesse sentido, bastante pertinentes:

“Is it not tempting and probably adequate to say that all those new instruments and formats –hypo-, hyper-, and megatext or mega-, hyper-, and hypocards— are both the symptoms and the agents of a historically accelerated “return to commentary” or even of a “return to philology” in transition toward hightech philology? Could one not finally say — without pushing the metaphor too far — that the Internet, with its ever-emerging Web sites and home pages, has become an electronically produced running commentary to the world?” (GUMBRECHT, 2003, p. 52).

Restaria averiguar a especificidade de uma filologia *hightech*. Ou, simplesmente, indagar se a alta tecnologia deixaria uma marca mais que superficial, ou seja, se estaria de fato arraigada numa atitude que tende a percorrer as diversas temporalidades refletidas num livro que recebe tratamento filológico. Seria, talvez, um convite ao melhor valor do diálogo, aquele capaz de combinar os diversos horizontes possíveis de recepção de um determinado autor. Nesse sentido, a historicidade do texto emergiria como caráter intrínseco desse tipo de edição, ao mesmo tempo definitiva nos seus limites, no sentido de contingencialmente

²² Essas edições fazem parte da Coleção Correspondência de Mário de Andrade, que vem sendo publicada pela EDUSP e pelo IEB. Outro livro que segue semelhante linha metodológica de preparo de edição fidedigna com amplo aparato crítico é a edição de cartas de Mário de Andrade e Câmara Cascudo, organizada por Marcos A. de Moraes, que recebeu recentemente o Prêmio Jabuti de Teoria Literária, em 2011 (Cf. CASCUDO, 2010).

completa, ampla, exaustiva, mas também já aberta, desde seu lançamento, para compor seu diálogo com a recepção futura daquela obra, interagindo de modo construtivo com outros contextos históricos. O saber que se acumula de algum modo parece refletir a miragem da *Enciclopédia*, o sonho da universalidade e da interatividade, e não a superação dela. Nesse sentido, a pós-modernidade *hightech* ressuscita algumas miragens da modernidade, talvez apenas sem a confiança na subjetividade como capaz de acumular, como protagonista atemporal, todo conhecimento possível sobre um determinado assunto:

“Aquilo que está em jogo em todo empreendimento enciclopédico dá uma força particular ao texto eletrônico. Pela primeira vez, no mesmo suporte, o texto, a imagem e o som podem ser conservados e transmitidos. [...] Na mesma proporção, no suporte eletrônico, pode-se encontrar uma tradução da inspiração que caracterizou os grandes projetos enciclopédicos: tornar-se possível a disponibilidade universal das palavras enunciadas e das coisas representadas. / Além disso, nos projetos enciclopédicos, havia a ideia de organização, da classificação e da ordem. [...] A enciclopédia está de acordo com a revolução eletrônica, bem mais que outros tipos de textos, para os quais se pode pensar que permaneçam ligados à comunicação pelo livro impresso e aos gestos que ele supõe.” (CHARTIER, 1998, p. 134-7).

À parte o caráter material da comunicação, eu ousaria aventar outra hipótese para o fascínio que essa geração de escritores modernos brasileiros exerce por meio de suas cartas. De certo modo, a disposição à abertura do texto está latente na possibilidade de se empreenderem projetos digitais complexos. Veremos que a busca pela consolidação de um espaço público efetivo estaria presente nestes argumentos. A feitura de edições digitais da correspondência de escritores poderia provocar a multiplicação dos efeitos de presença, facilitando que se salte de um assunto a outro, a diversas configurações históricas, sem perder a qualidade positiva da controvérsia. Tomar contato dinâmico com outros testemunhos, por meio de recursos à mão (ou ao alcance facilitado pela interface do navegador), alimentaria a vontade de ler o texto como habitado por diversas temporalidades e por diversos espaços.

Nesse contexto, a geração que atuou na Era Vargas — época de problemáticas concertações políticas, de modo a viabilizar um Estado moderno e centralizador —

desenvolveu uma capacidade ímpar para o diálogo, ainda que com controvérsias e tensões. As cartas, de algum modo, refletem o impulso que a época recebeu rumo à consolidação da esfera pública. Nelas, as divergências mostraram-se em muitos momentos salutares. As diferenças de opinião expressam projetos individuais e coletivos que procuram viabilizar uma nação mais moderna, que pudesse lidar com gritantes diferenças com algum equilíbrio. Essa mesma geração, ativa publicamente nos anos que se sucederam à derrocada da ditadura varguista, estaria na proa do projeto democrático que caracterizou os anos 1945-1964 — embora já estivesse sob a sombra da polarização da Guerra Fria²³. O projeto, porém, fora golpeado pela ditadura instaurada com os eventos de 1964, iniciando-se uma nova fase de “colapso do espaço público” (MELLO; NOVAIS, 2009, p. 85), que perduraria até a década de 1980. Ler conjuntos completos de correspondência permite revisitar essas idas e vindas de um processo complexo de construção de uma esfera pública atuante, de uma modernização poliédrica, com muitas camadas, inclusive profundamente autoritárias. Nesse contexto, o texto eletrônico parece, de algum modo, ressuscitar as “Luzes”, que:

“[...] imaginavam poder, a partir das práticas privadas de cada um, construir um espaço de intercâmbio crítico das ideias e opiniões. O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação de impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico.” (CHARTIER, 1998, 134).

Além da saudável interação de vozes que a edição eletrônica possibilita compor com mais eficiência do que o texto impresso, vale dizer que vários são os recursos a ser explorados para provocar efeitos de presença, para falar com H.U. Gumbrecht (2010). Inclusive, artigos e outros textos já publicados, de inegável valor

²³ Segundo Cardoso de Mello e Novais: “É preciso compreender que uma sociedade sem liberdades fundamentais efetivas é incapaz de dar abrigo firme a valores universais e de permitir o confronto inovador entre diversas visões de mundo e distintas alternativas de organização, presente e futura, da vida coletiva. [...] Por outro lado, no período liberal-democrático de 1945 a 1964, a escola, a universidade, os sindicatos, os partidos políticos, os movimentos culturais, todos eram palco do debate de ideias e da controvérsia política, todos iam ajudando a constituir um público que adquiria, pouco a pouco, capacidade de julgamento independente.” (MELLO; NOVAIS, 2009, p. 85 e p. 87.).

histórico, mas à margem das grandes interpretações, podem dirigir-se de modo sedutor às novas gerações, por meio de pequenas narrativas bem concatenadas –ou enciclopedicamente bem articuladas, labirinticamente dispostas em rede. (Cf. CERQUIGLINI, 1989; ECO, 2007).

Vou mencionar rapidamente alguns exemplos que — ao lado das redes intra e intertextuais, com uso de hipertextos e múltiplas conexões — seriam inegavelmente mais bem explorados por meio de edições digitais. O primeiro, a ser mais cuidadosamente discutido aqui, dialoga com as artes plásticas e com a presença dos movimentos de vanguarda internacionais no Brasil. Um dos nomes citados na *Correspondência Freyre & José Lins* é Nicola De Garo. Para a escrita de uma nota exegética que dê conta da complexidade da presença do personagem na vida e na obra dos correspondentes, é preciso realizar vários recortes. Em carta com datação “Recife, 6 de junho de 1924”, endereçada a José Lins, Gilberto Freyre citou Nicola De Garo como artista que movimentou a cena pública pernambucana. O autor afirmou posteriormente que foi um artista estrangeiro a influenciar positivamente artistas brasileiros (Cf. carta com datação “Recife, 1º de outubro de 1924”).

Investigando sua obra na imprensa periódica, descobrimos que Freyre parece ter nutrido um genuíno fascínio por sua obra pictórica, por um movimento de identificação. No *Diário de Pernambuco* de 7 de outubro de 1923, o artigo de número “25” é reverencial a De Garo: “Por que escrevi tanto do Sr. De Garo? Porque nesse espírito ansioso de pensador e de místico há alguma coisa que rima com o meu. Pelo que, escrevendo dele, escrevi um pouco de mim mesmo. O que é sempre um prazer.” (FREYRE, 1979, p. 319.). Depois, em 27 de janeiro de 1924, o artigo de número “41” confirma sua predileção: “O esforço verdadeiramente de interpretação em torno à nossa paisagem é recente. Recentíssimo. É o esforço de um grupo moço de pintores que nos têm visitado: Carlos Chamberlain, Paulo Gagarin e, última e notadamente, Nicolas De Garo.” (FREYRE, 1979, p. 362.). Ao que tudo indica, essa atração é refreada nos meses seguintes. Em outra carta a José Lins, de 14 de março de 1925, Freyre afirma ter recebido a visita de De Garo com o irmão. O artista noticiara exposição no Rio de Janeiro e deixara desenho para José Lins. A partir de então, as relações parecem ter se esfriado. Quem dedica ao pintor algumas palavras passa a ser José Lins do Rego, como a tentar corrigir algum lapso histórico a silenciar certas sugestões freyrianas sobre artistas tidos como mais ligados ao eixo

Rio-São Paulo: “[Sobre Gilberto Freyre] Então tudo que lhe saía da pena era esforço de compreensão, de encantamento lírico e ao mesmo tempo de análise rigorosa de nossa vida. [...] O misterioso Nicola De Garo muita coisa pintou pensando nele ou por sugestão sua.” (REGO, 1981, p. 254; Excerto do prefácio a *Região e tradição*, de Gilberto Freyre, de 1941). Anos depois, no diário autobiográfico *Tempo morto e outros tempos*, de 1975, Freyre demonstra ter se sentido injustiçado:

“Recife, 1929. / Em conversa ontem à noite, no Helvética, presentes também Olívio e Humberto Carneiro, Cícero Dias disse: “Seu Olívio, eu, você, Anibal e José Lins do Rego não podemos negar nunca a influência que estamos recebendo de Gilberto”. Isto a propósito de Nicola De Garo, no Rio, ter procurado esconder que estivera em contato comigo no Recife, para Ronald de Carvalho não o supor influenciado por mim, antes de orientado, sobre o Brasil, pelo mesmo e aliás admirável Ronald. Mas assim são os homens.” (FREYRE, 1975, p. 229.).

Depois de ilustrar *Toda a América* (1926) e *Jogos pueris* (1926), de Ronald de Carvalho, De Garo com sua família (mulher e irmão) sai misteriosamente da cena brasileira. A presença de dois desenhos de “De Garo” na Coleção de Artes Plásticas de Mário de Andrade, sob a guarda do IEB/USP, classificados como do “artista italiano”, continua a intrigar pela qualidade estética e por indicar suposta facilidade com que o artista parece ter circulado entre os diversos grupos modernistas espalhados no país, forjando uma identidade para que fosse aceito como um artista capaz de expressão “nacional”, a despeito de sua origem. Depois de pesquisas persistentes em material impresso e *internet*, a hipótese que se tornou mais plausível aponta para outros desvios: o artista, de origem russa ou búlgara, Nikolai Abracheff fixara residência nos Estados Unidos, onde passou a produzir obras — talvez com menor visibilidade relativa — e dar aulas de pintura. Pesquisas amplas podem ainda revelar obras suas desconhecidas do grande público no Brasil, nos Estados Unidos ou até na Bulgária. E, ainda, conexões remetem a outros documentos de arquivo, tais como cartas suas no acervo de escritores e intelectuais, as quais interessariam pela sua raridade e pela sua pertinência para o estudo dos movimentos de grupos de intelectuais e artistas no Brasil da década de 1920, em contato intenso com fluxos migratórios internacionais. Observem as seguintes

imagens:

Figura 1 Carta assinada “De Garo” a José Lins do Rego, provável ano de 1926.

Digitalização a partir do original, acervo de José Lins do Rego-PB.

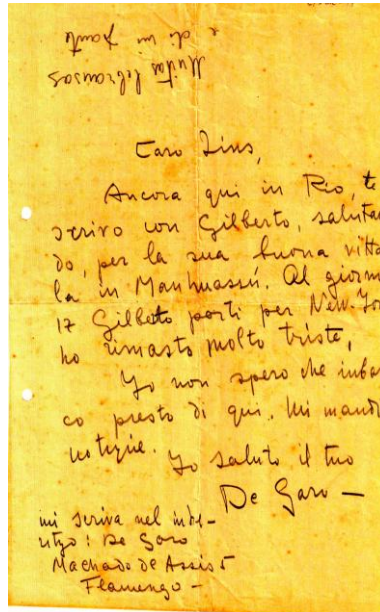
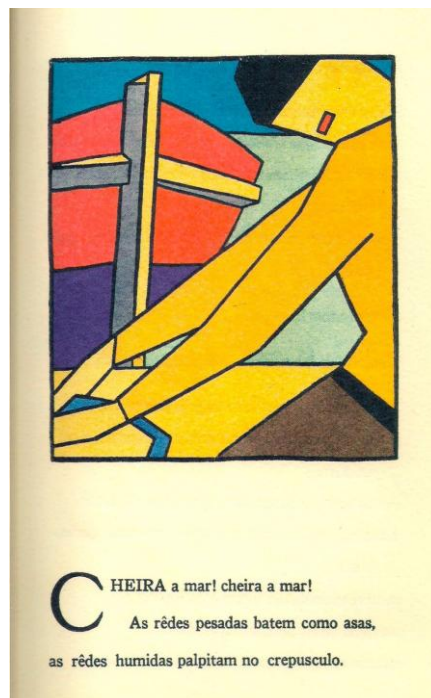


Figura 2 Primeira página do poema “O mercado de Prata, de Ouro e Esmeralda”, de Jogos Pueris (1926), de R. de Carvalho, ilustrado por N. De Garo. Digitalização a partir de fac-símile do original.



Além dos recursos visuais, expedientes auditivos poderiam ser articulados à edição, por exemplo acompanhando apreciações dos correspondentes sobre a música de Ludwig van Beethoven ou de Wolfgang A. Mozart (*Correspondência Freyre & José Lins*). Ou trechos dos documentários de Joaquim Pedro de Andrade sobre Freyre e Bandeira poderiam ser evocados conforme ambos o citavam em cartas (Cf. *Correspondência Freyre & Bandeira* e curta- metragens *O mestre de Apipucos* e *O poeta do castelo*, ambos de 1959). Outros elementos possíveis são as fotografias enviadas por Bandeira a Freyre, por insistência deste. A foto de um jantar é rechaçada. A em *close*²⁴ é, ao que tudo indica, cuidadosamente posta em seu escritório no solar de Apipucos. Pode-se evocar, portanto, um aspecto cenográfico explícito que desmistifica a naturalidade da disposição de algumas peças da hoje Casa-museu Gilberto e Magdalena Freyre, emolduradas para causar determinados efeitos de presença em seus visitantes^{2.2} Assim, relacionar esses e outros elementos citados na correspondência e cruzados com a obra dos autores e seus pares por hipertextos enriqueceria a recepção de suas obras.

Como se nota, diferentes mídias já aparecem virtualmente em diálogo nas cartas, independentemente de uma ação voluntária do editor crítico. Basta a este, como um orquestrador, procurar a melhor interface para pôr em cena, em formato digital, o que potencialmente já se manifesta. Recuperar tais aspectos em sua integridade — ainda que por fragmentos —, mais do que narrá-los coerentemente, poderia situar melhor os movimentos subterrâneos que afetam a esfera pública e se insinuam por meio de documentos da vida privada. Interessam-nos, pois, por traduzirem algo para além de simples movimentos episódicos ou meramente biográficos. Uma edição nesses moldes implicaria, assim, uma construção ativa, capaz, inclusive, de desarticular estratégias de manipulação e fabricação da memória legada à posteridade por meio dos arquivos pessoais²⁵.

Amalgamar o conhecimento filológico acumulado historicamente, sobre como transcrever, fixar e anotar um texto, por exemplo, com uma disposição para explorar

²⁴ Fotos e cartas podem ser observadas em minha tese de doutorado: VICENTE, S. M. *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

²⁵ A tese de doutorado de Clóvis Carvalho Brito empreende interessante estudo nesse sentido: “A partir da manipulação do acervo empreendida pelas escritoras, colaboradores, familiares e instituições de guarda, tornou-se possível identificar entre os ditos e não-ditos alguns repertórios que demonstram porque tais autoras a cada dia se mantêm mais presentes no campo literário.” (BRITO, 2011, p. 339).

as novas tecnologias é um desafio que se impõe aos pesquisadores e professores envolvidos com formação de alunos em disciplinas das áreas de Humanidades, especialmente aqueles que serão atuantes no ensino. Nesse sentido, para construir propriamente uma cultura digital, em campos como os estudos epistolográficos e de extroversão de documentos inéditos de arquivo, tanto o trabalho em equipe quanto a adaptação dos currículos devem se combinar em prol da formação dos “ciberfilólogos”, para falar com Marcia Arruda Franco:

“A emergência de uma filologia de alta tecnologia sugere uma série de questões e campos para o estudo e edição dos textos antigos e para as técnicas de ensino e interação entre professores e alunos. Em suma, pensar a revolução tecnológica na transmissão das letras, da história, da botânica, da filosofia é reencontrar o lugar central da filologia nos estudos humanísticos.” (FRANCO, 2010, p. 34).

As edições com documentos de arquivo desafiam não só ao demandar uma narrativa que faça sentido ao leitor, mas também pedem uma disposição inédita, de múltiplos recursos visuais e até auditivos. A ampla possibilidade de armazenamento digital já explorada em outras áreas — imagine-se, por exemplo, o extenso estoque de imagens e sons em áreas como a Astronomia, a Oceanografia ou a Meteorologia — é um convite para novas configurações dos objetos da cultura. O novo papel do editor crítico está claramente posto: é um orquestrador-intérprete, e seu saber, explorado no limite das possibilidades de determinada época, revela-se ao final provisório, convidando à contínua interação com o leitor, que tende a manter o texto do livro, responsabilmente editado utilizando as novas tecnologias, ao final, vivo. Porém, o projeto demanda equipes bem formadas, investimentos financeiros, espaços apropriados de pesquisa, uma cultura cibernética que apenas desponta no Brasil de hoje²⁶.

²⁶ É apropriado recordar, neste momento, de projetos considerados hoje inovadores, como os “Princípios da Educação 3.0”, de Jim Lengel, da Universidade de Boston, autor do livro *Education 3.0: Seven Steps to Better Schools* (2012). Para ele, os cidadãos do século XXI deverão desenvolver as seguintes habilidades: “*Gathering, synthesizing, and analysing information; working autonomously to a high standard with minimal supervision; leading other autonomous workers through influence; being creative and turning that creativity into action; thinking critically and asking the right questions; striving to understand other’s perspectives and to understand the entirety of an issue; communicating effectively, often using technology; working ethically, firmly based in both your own society and the planet as a whole*”. (LENDEL, 2012, p. 35). O espaço da universidade, como propulsor da pesquisa, da inovação e da formação crítica de professores, pode iniciar essa transformação. Também para Pierre

Conclusão: algumas provocações sobre a presença da carta em livro digital e possíveis contribuições ao ensino e à pesquisa no Brasil do século XXI.

Nos últimos anos, tem havido um interesse crescente pela publicação e pela divulgação de material de arquivo oriundo de acervos pessoais. Sem discutir em profundidade questões relacionadas à manipulação desses acervos, deles ainda emana certa aura (Cf. BENJAMIN, 1985), como se possibilitassem um acesso único à particularidade da vida do autor, à sua obra e à sua existência singular, com seus sucessos e vicissitudes.

O interesse recente por esse tipo de documento, além de possibilitar uma reflexão sobre aspectos da vida privada, também permite pensar os movimentos da esfera pública no contexto de sua produção (evidentemente, na época discutida, ainda não existiam os *e-mails*, que passam a deixar uma marca indelével na dinâmica da comunicação interpessoal apenas na contemporaneidade). Não só o entendimento da obra de um autor pode se tornar mais complexo e rico, mas também a vida social pode se abrir para uma leitura diferenciada. A carta, apesar de existir desde tempos remotos, é impulsionada na modernidade, sobretudo com o desenvolvimento sem precedentes dos meios de comunicação. Contraíndo-se os espaços, acelerando-se os tempos, manifestações de afeto, reflexões estéticas e o conhecimento podem multiplicar-se por meio delas. Particularmente no período do primeiro governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, quando se deu a estreia de Gilberto Freyre no âmbito nacional com obras hoje consideradas clássicas, o impulso para a modernização do país foi considerável. Apontado como época de rotinização das conquistas do primeiro modernismo, houve um interesse especial para se compreender e se desvendar o Brasil. A cultura ganhou feição nova, e inúmeros ensaios sobre a formação de nossa sociedade procuraram traduzir as inquietações sobre a viabilidade do desenvolvimento integral da Nação, a despeito das enormes desigualdades que a assolavam²⁷.

Lévy: “O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. [...] No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, [...] a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimento emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se organizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 1999, p. 160).

²⁷ Textos que abordam especificidades do período e suas implicações para a dinâmica do campo literário e intelectual são: CANDIDO, 2000; JOHNSON, 1995, p. 164-181; LAFETÁ, 2000; PÉCAUT,

Os movimentos da carta traduzem esse anseio moderno pelo autoconhecimento crítico, tanto do ponto de vista individual quanto social. Porém, mais do que isso, apontam para uma variabilidade de aspectos que explica por que talvez somente hoje, com o avanço tecnológico, consigamos explorar melhor seus potenciais comunicativos e estéticos. Demoraria, aliás, para disciplinas acadêmicas formadas em antigas premissas abrirem-se para esses documentos aparentemente “de circunstância”. Os Estudos Literários e Historiográficos, preocupados sobretudo com grandes sínteses, aos poucos se voltariam com fôlego para o particular que a experiência da carta dinamiza, o que acontece principalmente nas últimas décadas do século XX. (Cf. ROCHA, 2010; BORDINI, s.d.).

A divulgação de conjuntos completos de correspondência é de interesse público sob vários aspectos, e reunir esforços para que isso aconteça explorando as novas tecnologias à nossa disposição traria, além de benefícios específicos, uma possibilidade real de agregar o conhecimento produzido nas universidades na área de Humanidades a uma projeção maior no meio social. A importância dessa divulgação justifica-se, em primeiro lugar, pela relevância pública em se completar as obras de autores fundamentais da cultura brasileira. Além disso, é a memória coletiva que se coloca em jogo, ao possibilitarem-se o registro e a reflexão sobre os bastidores da vida intelectual no Brasil.

Nesse sentido, a edição digital da correspondência e de outros documentos paraliterários pode se beneficiar de parcerias com editoras consolidadas, tanto universitárias quanto comerciais. Elas detêm não só acesso a conhecimento para se atualizarem rapidamente do ponto de vista técnico e criar interfaces sedutoras para um público amplo, mas também detêm capacidade de negociar direitos autorais em frações que podem viabilizar a grande circulação, para além dos muros acadêmicos que normalmente selam muitas pesquisas²⁸. Ou seja, o papel das editoras

1990; SORÁ, 2010.

²⁸ Preparar uma edição completa com textos de arquivo pode demorar anos. Seu acabamento é extremamente complexo, pode depender de equipes, tratativas com instituições, negociações com herdeiros. Há necessidade de se buscarem modelos eficazes, pois não parece ser de interesse que os resultados de pesquisas fiquem na gaveta. Além disso, de algum modo, as editoras podem ver nelas uma possibilidade de exploração comercial na mesma linha dos livros didáticos e das edições críticas em papel. Nesse sentido, como afirma Pinsky (2009, p. 97-8): “O papel das editoras não deve perder a importância desde que elas percebam que não são produtoras de livros impressos, mas sim agregadoras que procuram oferecer o conteúdo mais adequado ao seu público. No formato e com a distribuição que melhor convier a este público. De uma maneira ou de outra, livros eletrônicos já são uma realidade e as editoras, principalmente de livros didáticos universitários, se quiserem

universitárias e comerciais, com seu conhecimento técnico e jurídico, pode ser fundamental para o estímulo e a viabilização desse tipo de trabalho. De resto, elas podem articular uma visão particular sobre como preparar um produto, com narrativa inovadora e, sobretudo, com uma interface digital estimulante, recurso ainda não explorado — ou escassamente explorado — em áreas dedicadas às edições críticas.

O saber que se acumula com esse tipo de produção acadêmica tende a se reverter, em última análise, para uma maior capacitação dos professores atuantes no ensino fundamental, médio e superior. Lidar com os recursos abertos pelas novas tecnologias de informação é uma realidade premente. Por outro lado, acima de tudo, um professor deve ser um leitor ativo e crítico. E isso é ainda mais urgente quando se considera que o Brasil tem um déficit pesado tanto em conteúdo quanto em recursos pedagógicos eficazes, que envolvam seus alunos e permitam extrair o máximo do potencial pedagógico em sala de aula. Desse modo, noções profícuas sobre como editar devem deixar marcas positivas na esfera de formação de docentes atuantes em vários níveis. Repassando leituras a contrapelo da História, espera-se que, ao contrário de se fomentarem ilusões biográficas (Cf. BOURDIEU, 1996) ou de se reforçar a construção de legados (Cf. HEYMANN, 2005)²⁹, que as mesmas sejam indagadas e até desconstruídas. E, na contramão de “edifícios” iluministas de saber, espera-se que se facilite o contato do leitor com múltiplas formas, reflexões e realidades, para que então opte por leituras mais fiáveis e coerentes com seu repertório. As escolhas desse leitor podem, ao final, parecer ocasionais, aleatórias, mas talvez não seja outro o ânimo das novas gerações, mais abertas à descoberta fortuita, ao fluxo imprevisível da vida, à multiplicidade de sentimentos e eventos que acompanham a revolução digital.

Não é à toa que os estudos sobre epistolografia parecem impulsionados nos últimos anos — veja, por exemplo, além das edições mencionadas, a coletânea de estudos *Prezado senhor, prezada senhora* (2000). Nesse contexto, a edição do texto epistolar e de outros documentos inéditos de arquivo, nos moldes como vemos

sobreviver na cadeia de comercialização de livros, precisam se adaptar.”

²⁹ Articulando o conceito de “ilusão biográfica” de Bourdieu ao seu de “legado”, afirma Heymann: “Esse esforço de produção de si, no caso da construção dos legados, tomaria a forma do esforço de produção da trajetória exemplar, cuja narrativa não apenas confere sentido a acasos e descontinuidades, mas também estabelece marcos, periodiza e, fundamentalmente, qualifica a experiência.” (HEYMANN, 2005, p. 5).

acontecendo hoje, pode gozar de uma conjuntura extremamente favorável, não a despeito do meio digital, mas graças a ele. O Brasil, nesse sentido, parece dar um exemplo inovador e de destaque: tem aberto seus arquivos e possibilitado, de algum modo, que seus pesquisadores deem o seu melhor, ao definir parâmetros de pesquisa e edição, com rigor, eficiência, liberdade e alguma dose de imaginação³⁰. Avançando em como lidar com o mundo virtual na pesquisa, no ensino universitário e na formação de professores, talvez possamos dar um passo a mais no exercício legítimo de cidadania — a despeito da lenta e tardia consolidação dos valores democráticos em solo nacional —, ao divulgar documentos de interesse público, inclusive os oriundos de acervos privados, a um número maior de pesquisadores e leitores, professores e alunos, publicizando-os de modo responsável e afinando tal ação com a realidade que se abre com o maior acesso compartilhado às novas tecnologias por meio de edições digitais.

³⁰ De fato, o Brasil parece ter demorado para investir na criação de grandes acervos históricos e literários, se comparado a centros de pesquisa em países desenvolvidos. Os limites econômicos, até sobretudo os anos 1990, são evidentes. Mas não são a causa absoluta. Basta recordar que somente agora, em 2013, o país abre publicamente seus arquivos governamentais da época da ditadura militar, instaurada com o Golpe de 1964.

Bibliografia

ADORNO, Theodor. “O ensaio como forma”. In: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 15-45.

AMARAL, Aracy. (org) *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo: EDUSP, IEB, 2001.

ARELLANO, Ignacio. “Edición crítica y anotación filológica”. In: FERNÁNDEZ, Jesús Cañedo; AYUSO, Ignacio Arellano. *Crítica Textual y anotación filológica en obras del Siglo de Oro: Actas del Seminario Internacional para la Edición y Anotación de Textos del Siglo de Oro*. Madrid: Editorial Castalia, 1991. p. 563-86.

BECKER, Colette. “Les discours d’escort: l’annotation et ses problèmes (à propos de la correspondance de Zola)”. In: FRANÇON, A.; GOYARD, C. (Org.). *Les correspondences inédites*. Paris: Economica, 1984.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas, v.1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos e história da literatura: a fonte primária na escrita dos eventos. GT HISTÓRIA da Literatura. FALE — PUCRS. s.d. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/gthistoria/index.php>. Acesso em: março de 2013.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica.” In: *USOS e abusos da história oral*. Org. J. Amado e M. M. Ferreira. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César*. Brasília: UnB, 2011.

CAMBRAIA, César Nardelli. “Edições digitais como base para análises linguísticas: revisão crítica de experiências.” In: *II SEMINÁRIO de Estudos Filológicos, 2007*, Feira de Santana. Salvador: Quarteto, 2007. v.1, p. 13-24.

_____. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. In: _____. *Literatura e sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*.

Pesquisa documental/iconográfica, estabelecimento de texto e notas (organizador) Marcos Antonio Moraes; ensaio de abertura Anna Maria Cascudo Barreto; prefácio Diógenes da Cunha Lima; introdução Ives Gandra da Silva Martins. 1ª ed. São Paulo: Global, 2010.

CERQUIGLINI, Bernard. *Une nouvelle Philologie? In: PHILOLOGY in the Internet Era. Internacionational Colloquium*. Budapest: Eotvos Loránd University, 7-11 June, 2000. Disponível em: <http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm>. Acesso em: março 2013.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 134-7.

CHKLOVSKI, Viktor. “A arte como procedimento.” In: *TEORIA da Literatura: os formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 39-56.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIAS, Silvana Moreli Vicente. *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 2017.

ECO, Umberto. *Dall'alberto al labirinto. Studi storici sul segno e l'interpretazione*. Milano: RCS Libri, 2007.

ESCOLA digital desafia ‘professor analógico’. *Estadão*, 3 abr. 2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,escola-digital-desafia-professor-analogico,1016439,0.htm>. Acesso em: 4 abr. 2013.

FRANCO, Márcia Arruda. “Sobre modos de abordagem e ensino da poesia quinhentista.” In: *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Org. MARÇALO, M. J.; LIMA- HERNANDEZ, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. do C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. Évora: Universidade de Évora, 2010. p. 23-38.

FREYRE, Gilberto. *O camarada Whitman*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1948. p. 58.

_____. *Tempo de aprendiz*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979.

_____. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (org.) “Prezado senhor, prezada senhora”. In: *Estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *The Powers of Philology. Dynamics of Textual Scholarship*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2003, p. 52.

LINHARES, Maria Yedda. (org.) *História Geral do Brasil*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 327.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *O modernismo em tempo real*. São Paulo: Cult, ano 6, n. 68, p. 22-27, abr. 2003, p. 27.

JOHNSON, Randal. *A dinâmica do campo literário brasileiro*. Trad. Antonio Dimas. *Revista USP*, n. 26, São Paulo, jun.-ago. 1995, p. 164-181.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: A crítica e o modernismo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LENGEL, Jim. *Education 3.0: Seven Steps to Better Schools*. New York, USA: Teachers College Press, 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYNCH, Clifford. *The Battle to Define the Future of the Book in the Digital World*. *First Monday*, v. 6, n. 6, jun.2011. Disponível em: <http://www.cni.org/publications/cliffs-pubs/future-of-the-book/>. Acesso em: março 2013.

MONTEIRO, Pedro Meira. (org.) *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; IEB; EDUSP, 2012

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP; Campinas, SP: FACAMP, 2009.

MORAES, Marcos Antonio de. *Edição da Correspondência Reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. Patrimônio e Memória*, São Paulo: UNESP-FLCAs, CEDAP, v. 4, n. 2, p. 123-136, jun. 2009.

_____. (org.) *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2000.

MOURA, Rafael Moraes.; SALDAÑA, Paulo. *Licenciatura pode ter nota mínima no Enem*. *Estadão*, 6 abr, 2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,licenciatura-pode-ter-nota-minima-no-enem,-1017656,0.htm>. Acesso em: 6 abr. 2013.

PÉCAUT, Daniel. "A geração dos anos 1920-40". In: *OS INTELLECTUAIS e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PINSKY, Daniel. *O uso do livro eletrônico no ensino superior sob a ótica dos professores universitários e profissionais de editoras*. São Paulo: USP, 2009. [Dissertação de mestrado].

REGO, José Lins do; FREYRE, Gilberto. In: _____. *Dias idos e vividos*. Org. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo*. Chapecó: Argos, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. *Técnica, espaço, tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SORÁ, Gustavo. *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: EDUSP; Com-Arte, 2010.

Silvana Moreli Vicente Dias É professora na Universidade Veiga de Almeida - UVA (RJ). Autora de livros como "Leitura e produção acadêmica" (Freitas Bastos, em parceria com Anne C. M. Santos), "Semiótica" (Ed. Uva, 2020), "Estágio Supervisionado em Letras Literatura" (Ed. Uva, 2019), "Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira" (edição de cartas e estudo crítico, pela Ed. Global), artigos científicos e materiais didáticos. Integra o sistema BASis MEC-INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (avaliação de cursos presenciais e a distância). Tem experiência adicional em revisão, edição de textos e preparo de exposição, além de produção de livros didáticos, questões e vídeos de natureza acadêmica. Atua em cursos de graduação presenciais e a distância.